

**3.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

UTAD, VILA REAL, PORTUGAL,
SETEMBRO DE 1999

uma organização ADECAP - UTAD

ACTAS

Coordenação Editorial Geral
VÍTOR OLIVEIRA JORGE

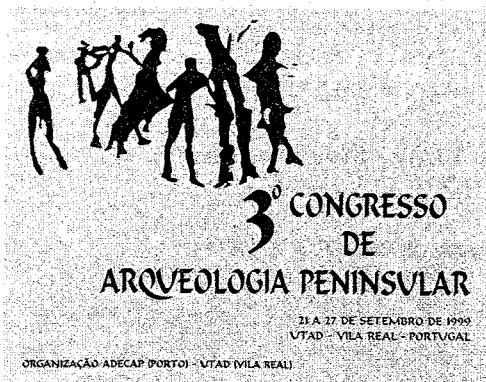
Vol. 8

**“TERRENOS” DA ARQUEOLOGIA
DA PENÍNSULA IBÉRICA**

Coordenação de

**MARIA MANUELA MARTINS • CARMEN FERNÁNDEZ OCHOA
CARMEN BALESTROS • SANTIAGO PALOMERO
ANA CARDOSO DE MATOS • MARIA LUÍSA SANTOS
JOSÉ MANUEL LOPES CORDEIRO • XÓAM CARMONA BADIA
MERCEDES GALLARDO • CÂNDIDA SIMPLÍCIO**

Porto
ADECAP
2000



Este Congresso foi realizado sob os auspícios de:

EAA – European Association of Archaeologists
 EAN-REA – European Archaeology Network - Rede Europeia de Arqueologia
 ICOM – International Council of Museums
 ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
 IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations

3.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR Actas – Vol. 8

publicação da
 Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP)
 Rua Aníbal Cunha, 39 - 3.º - s. 7 - 4050-048 PORTO - Portugal.
 Faxes: (+351) 22 202 69 03 / 22 208 71 49 - E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

Composição, Impressão e Acabamento
 A.C. Litografia
 Rua Conselheiro Lobato, 179 - 4700-338 BRAGA - Portugal.
 Telef. (+351) 253 27 29 67 / 253 61 65 40 - Fax (+351) 253 61 20 08
 E-mail: aclitografia@mail.telepac.pt

Distribuição:
 Portico Librerías
 P.O. Box 503
 50080 Zaragoza - España
 E-mail: portico@zaragoza.net

Março de 2002.

Tiragem: 1.000 exs.

Depósito legal n.º 148567/00

ISBN: 972-98807-2-7

Apoios: **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III.

Delegação Regional do Norte do Ministério da Cultura; Fundação Calouste Gulbenkian.

SUMÁRIO

SESSÃO 8

Arqueologia Urbana

Coordenadores: Maria Manuela Martins & Carmen Fernández Ochoa	7
Introdução	9
La arqueología urbana en España, Carmen Fernández Ochoa & Angeles Querol	11
Os caminhos da Arqueologia Urbana em Portugal: da década de 70 ao fim do milénio, por Francisco Sande Lemos	21
Veinte años de arqueología urbana en Tarragona, por Ricardo Mar & Joaquín Ruiz de Arbulo	37
Arqueologia Urbana em Lisboa?, por Maria Alexandra Gaspar, Ana Maria Gomes, Maria José Sequeira & Rodrigo Banha da Silva	55
Ameijeira – uma ocupação neolítica no coração da cidade de Lagos. Abordagem preliminar, por Júlio Manuel Pereira	75
Un instrumento de análisis de la ciudad histórica. La carta de riesgo de Úbeda (Jaén), por Eva María Alcázar Hernández, Sonia Pérez Alvarado, Irene Montilla Torres & Juan Rafael Montilla Torres	89
Nueva intervención en los entornos de la puerta de la muralla romana de Gijón (Recoletas n.º 10), por C. Fernández Ochoa, V. García Entero, F. Gil Sendino, C. Valenciano & D. García López.	95
Proyecto de restauración integral de la muralla de Ávila y su entorno. Aproximación a los resultados de la asistencia técnica arqueológica, por Sergio Martínez Lillo, María de los Ángeles Utrero Agudo & José Ignacio Murillo Fragero	109
Conclusões	125

SESSÃO 32

Arqueologia Judaica

Coordenadores: Carmen Balesteros & Santiago Palomero	127
Introdução	129
Aspectos da arqueologia judaica: testemunhos da vida e da morte em comunidades judaicas peninsulares, por Carmen Balesteros	131
A sinagoga de Tomar: dimensão sócio-cultural e religiosa da comunidade hebraica, por Salette da Ponte	151
Intervenciones arqueológicas en el entorno de la judería de la ciudad de Coria, Cáceres, por Marciano de Hervás & Juan Pedro Moreno Carrasco	161
Nuevas investigaciones sobre arqueología funeraria judaica en España, por Jorge Casanovas Miró	169
El cementerio de la aljama judía de Sevilla a la luz de las evidencias arqueológicas, por Isabel Santana Falcón	177

<i>Las necrópolis medievales de la comunidad judaica. El caso de la Cuesta de Los Hoyos (Segovia)</i> , por Sonia Fernández Esteban	191
<i>Marcas de simbologia religiosa judaica e cristã ou cristã-nova nos núcleos urbanos antigos de Estremoz e de Trancoso</i> , por Carla Sofia Santos, Carla Alexandra Santos & Carmen Balesteros	207
<i>Conclusões</i>	227

SESSÃO 33.1.

A Interdisciplinaridade em Arqueologia Industrial	
Coordenadores: Ana Cardoso de Matos & Maria Luísa F. N. Santos	229
<i>A interdisciplinaridade em Arqueologia Industrial</i> , por Ana Cardoso de Matos & Maria Luísa Santos	231
<i>Arquivos fotográficos fabris - Robinson and Bros, Lda.</i> , por Pedro de Aboim Borges. <i>El espacio del trabajo: territorio, arquitectura y diseño industrial (resumen)</i> , por Julián Sobrino Simal	237
<i>Arqueologia Industrial, história da arte e tecnologias da informação</i> , por Antonio Maria A. Santos	239
<i>Arqueologia Medieval - Arqueologia Industrial, um diálogo a construir</i> , por Fernando Branco Correia	247
<i>Arqueologia Mineira: território interdisciplinar</i> , por Alfredo Tinoco	251
<i>Producción de cobre por vía húmeda en las minas de piritas complejas de la Faja Piritica Ibérica: los canales del coto minero de Aznalcóllar (Sevilla)</i> , por Mark A. Hunt Ortiz	259
<i>Puesta en valor del patrimonio minero e industrial de Riotinto (resumen)</i> , por José Maria Mantecón Jara	279
<i>Modelos de intervenção na área da museologia industrial (1982-1998)</i> , por Isabel Almeida Ribeiro	281
<i>La farga catalana y su proyección en Iberoamérica: la farga en el Brasil</i> , por Josep Maria Mata-Perelló & Baldomer Colldeforns Chertó	285
<i>Relación de los principales bienes industriales de la actividad minera en el borde norte oriental de la depresión del Ebro. Sector limítrofe con el Pirineo catalán, provincias de Lleida y Girona (La Noguera, El Solsonés y la Cerdanya)</i> , por B. Colldeforns Chertó & J. M. Mata-Perelló	293
<i>Conclusões</i>	303

SESSÃO 33.2.

Arqueologia Industrial como Arqueologia da Industrialização	
Coordenadores: José Manuel Lopes Cordeiro & Xoán Carmona Badía	305
<i>Introdução</i>	307
<i>Um caso de arqueologia espacial: a paisagem oitocentista construída e projectada através da rede de caminhos de ferro na Faixa Piritosa Ibérica</i> , por Helena Alves	309
<i>Devesas: de complexo fabril bem sucedido a património industrial em risco</i> , por J. Francisco Ferreira Queiroz	323
<i>Mina de S. Domingos: um caso de património industrial ameaçado e abandonado</i> , por Helena Alves	337
<i>Efanor - um marco do património industrial</i> , por J. Iria Teixeira Marques	351
<i>Mineração e metalurgia em torno do jazigo de ferro de Torre de Moncorvo</i> , por Carlos d'Abreu	367

<i>Minas de Aljustrel: do património estudado ao património industrial abandonado</i> , por Helena Alves	383
<i>A fábrica de cerâmica das Devesas na perspectiva da arqueologia industrial</i> , por André Sousa	399
<i>A arqueologia industrial como a arqueologia da industrialização</i> , por José Manuel Lopes Cordeiro	403
<i>Minas da Panasqueira: uma introdução à arqueologia da paisagem mineira: da superfície ao trabalho subterrâneo</i> , por Helena Alves	421
<i>Estaleiros: técnicas tradicionais na ria de Aveiro</i> , por Andreia Vidal Leite	439
<i>Conclusões</i>	447

SESSÃO 35

Arqueologia Subaquática

Coordenadores: Mercedes Gallardo & Cândida Simplício	449
<i>Introdução</i>	451
<i>Os navios de Lisboa</i> , por Paulo J. P. Rodrigues & Ana Vale	453
<i>A presentation of the preliminary findings from the salvage excavation in the bay of Angra do Heroísmo, Terceira, Azores: Angra C, a possible 17th-century vessel of Nordic tradition and Angra D, an Iberian vessel from the last quarter of the 16th-century</i> , by Erik Phaneuf	469
<i>Os destroços de uma nau da Índia na foz do Tejo, Lisboa, Portugal</i> , por Filipe Castro	475
<i>A Carta Arqueológica Subaquática dos Açores: metodologia, resultados e sua aplicação na gestão do património subaquático da Região Autónoma dos Açores</i> , por Paulo Monteiro	497
<i>Intervenções arqueológicas subaquáticas de prospecção e escavação em dois navios, em consequência da construção de uma Marina. Estratégias e metodologias (Baía de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores)</i> , por Ana Catarina Abrantes Garcia	525
<i>Recuperações arqueológicas e salvamentos subaquáticos (sécs. XV-XVIII): o outro lado da história marítima moderna</i> , por João Pedro Vaz	531
<i>Arqueologia funerária de um naufrágio. Presenças humanas sul-americanas num depósito de naufragos da costa portuguesa (São Pedro de Alcântara, Peniche, 1786)</i> , por Maria Luísa Pinheiro Blot & Judith Vivar Anaya	549
<i>Elementos para a tonelagem dos navios na costa ibero-americana na antiguidade: o testemunho dos vestígios de âncoras (cepos em chumbo)</i> , por Jean-Yves Blot	571
<i>Marcadores de níveis históricos del mar en la bahía de Cádiz</i> , por M. Gallardo, C. Alonso, J. Martí, F. J. Gracia, J. Benavente, F. Giles, J. Rodriguez & F. Lopez-Aguayo	595
<i>Arqueologia e geodinâmica do litoral - o caso de Quarteira (Algarve, Portugal)</i> , por Cândida Simplício, Sebastião Braz Teixeira & Pedro Costa Barros	609
<i>Ria de Aveiro A'99 - balanço da fase final de um projecto de arqueologia náutica e subaquática</i> , por Francisco J. S. Alves & Eric Rieth	623

PROYECTO DE RESTAURACIÓN INTEGRAL DE LA MURALLA DE ÁVILA Y SU ENTORNO. APROXIMACIÓN A LOS RESULTADOS DE LA ASISTENCIA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA

por

Sergio Martínez Lillo*, María de los Ángeles Utrero Agudo**
& José Ignacio Murillo Fragero***

Resumen: Con la presente comunicación, se pretende dar a conocer los primeros resultados de los trabajos arqueológicos realizados en diferentes puntos del perímetro oriental de la muralla de Ávila, con motivo de su restauración. Integrado en un proyecto global, la investigación ha permitido reconocer aspectos inéditos sobre la evolución del recinto amurallado, el cual, por otro lado, a pesar de su singularidad, no ha disfrutado de una atención arqueológica pormenorizada y constante.

Palabras-clave: Proyecto de restauración; murallas de Ávila; trabajos arqueológicos.

I. INTRODUCCIÓN

Las murallas de Ávila sufren sus primeras reparaciones ya en época bajomedieval, dinámica que se prolongará hasta nuestros días. Las primeras restauraciones, entendidas como proyectos de actuación coordinados, se comienzan a realizar en el siglo XIX bajo la supervisión del ayuntamiento y los arquitectos municipales. En la primera mitad de siglo, las obras de restauración se entienden como actuaciones de mantenimiento condicionadas por la funcionalidad defensiva que todavía mantienen las murallas en estos momentos, dada la coyuntura de inestabilidad política que define esta época. Es a partir de la segunda mitad del siglo XIX cuando se empieza a considerar la muralla como un monumento histórico-artístico, por lo que el concepto de restauración se enfoca hacia la conservación y restauración de la imagen original del edificio. A finales de siglo destaca la figura del arquitecto J.B. Lázaro, el cual aplica por primera vez una metodología acompa-

* UAM. Dpto. Prehistoria y Arqueología.

** CSIC. Centro de Estudios Históricos, Dpto. H.^a Antigua y Arqueología.

*** Ldo. Prehistoria y Arqueología.

ñada de la redacción de memorias de restauración, aunque dentro de una línea de mimetismo histórico. Desde este momento, la persona del arquitecto municipal juega un nuevo papel dentro de la imagen de la ciudad abulense.

Con la declaración en la Real Orden de 24 de Marzo de 1884 como Monumento Histórico-Artístico, las competencias municipales sobre el monumento pasan al Estado, de mano del Ministerio de Fomento y las Academia de Bellas Artes, siendo obligatorio la reunión de una Comisión de Monumentos para acometer las obras de restauración. La ciudad de Ávila pasa a formar parte del grupo de ciudades españolas declaradas Patrimonio de la Humanidad por el Consejo de Patrimonio de la Unesco en diciembre de 1985, lo que incluía el recinto amurallado y algunas iglesias extramuros de la ciudad. El Ayuntamiento es el usufructuario de las murallas cuya propiedad pertenece al Patrimonio del Estado español. Finalmente, las murallas son declaradas el 8 de agosto de 1991 Bien de Interés Cultural con categoría de monumento por la Junta de Castilla y León.

Desde finales del siglo XIX hasta nuestros días las obras de restauración se han realizado bajo criterios dispares y con un control irregular. El mimetismo histórico aplicado por J.B. Lázaro condicionará todas las obras posteriores. Los esquemas de restauración aplicados durante este largo periodo de tiempo impiden en la actualidad poder reconocer con claridad aquellas partes más antiguas del monumento y los nuevos elementos incluidos con las diferentes restauraciones, este es el caso principalmente de los pavimentos del adarve, las partes superiores de los paramentos y, en concreto, las almenas y los pretiles. Igualmente, se observan reparaciones diacrónicas en diferentes puntos de los cubos y los lienzos que enmascaran pequeños desperfectos que atacan directamente las caras de la muralla.

Junto a los procesos lógicos y hasta cierto punto inevitables de deterioro por el paso del tiempo, tenemos que hablar en el caso de Ávila de las condiciones geoclimáticas de la ciudad. La ubicación en altura, a más de 1.100 metros sobre el nivel del mar, en la cara Norte del Sistema Central conlleva una agresión directa de la climatología traducida en bajas temperaturas, lluvias y nieves que pueden llegar a perpetuarse en algunos de los lienzos durante el periodo invernal.

2. DESARROLLO DE LOS TRABAJOS

El "Proyecto de restauración integral de las Murallas de Ávila y su entorno", llevado a cabo gracias al convenio realizado entre el Excmo. Ayuntamiento de Ávila y la Fundación Caja de Madrid, bajo la dirección técnica de los arquitectos Pedro Feduchi Canosa y Santiago Herráez Hernández, ha recurrido por primera vez al apoyo documental arqueológico para intentar detectar desde los cimientos las patologías, ya sean antrópicas o naturales, como anteriormente hemos señalado, que están afectando negativamente a la muralla, con el objetivo de ofrecer unas soluciones efectivas y coherentes al conjunto estructural.

De esta manera, las actuaciones arqueológicas se han visto supeditadas a las necesidades de los trabajos de restauración. Documentar el estado de los cimientos, detectar las posibles humedades de origen geológico y determinar el estado de conservación de la piedra constructiva eran los objetivos principales de las labores de la asistencia técnica arqueológica. El trabajo arqueológico se ha desarrollado a lo largo del perímetro oriental de la muralla, efectuando sondeos arqueológicos en

aquellos puntos que a priori podían ofrecer más información de cara a los trabajos de restauración. Estas actuaciones se han encontrado con las dificultades que afectan normalmente a la arqueología urbana, producto de la vida cotidiana de las ciudades: el tráfico rodado, las alteraciones sufridas en el subsuelo por el progresivo crecimiento y renovación de la ciudad, las infraestructuras disponibles, los problemas administrativos, y un largo etcétera que ralentizan y dificultan los trabajos.

La metodología arqueológica se ha desarrollado en dos campos paralelos: uno, el del seguimiento directo de las obras de restauración arquitectónica, y otro, el de excavación, para lo que se ha optado por elegir zonas de unión entre lienzos de la muralla y torres donde son más evidentes las patologías anteriormente descritas. Algunas de estas zonas han coincidido con áreas determinantes para el estudio de la evolución cultural de la ciudad de Ávila, como son los casos de la zona del antiguo Alcazar y la Puerta de San Vicente.

Para llevar adelante estas labores se ha empleado el método estatigráfico por deposición natural, considerando las limitaciones que impone la excavación en sondeos. La coherente aplicación del método ha permitido dentro de estas limitaciones poder obtener una interpretación a partir de los datos recogidos, teniendo en cuenta que se encuentra en proceso de estudio. Por otro lado, hemos realizado una primera aproximación al conocimiento de la evolución constructiva de las murallas, empleando el método de lectura de paramentos que se incluye dentro de la disciplina llamada Arqueología de la Arquitectura.

3. BREVE RESUMEN DE LA HISTORIA DE LA MURALLAS

3.1. Conocimiento actual

La muralla de Ávila, siguiendo los más recientes trabajos sobre el tema, tiene su origen medieval cuando gentes del norte peninsular comienzan a ocupar, por medio de una política organizada de expansión, la franja territorial comprendida entre el Duero y el Tajo, siendo a partir de la política dominadora de Alfonso VI cuando "Ávila se convertiría en la frontera meridional del núcleo castellano-leonés" (Belmonte Díaz: 1987. p. 65). A partir de la documentación actual podemos señalar que el establecimiento del sistema defensivo que hoy conocemos se puede situar a finales del siglo XII, pudiendo existir ya a mitad de este siglo unas defensas de menor entidad que las actuales.

Pero antes de que se levantaran tan impresionantes defensas, ¿qué restos nos ha dejado la historia, de las culturas que poblaron esta zona en momentos anteriores?. Por un lado, la lectura directa de los paramentos de la muralla nos presenta estelas, cistas, coberturas de cinerarios, canaletas, quicaleras, figuras zoomorfas y sillares, que hablan de la reutilización de elementos que ocupaban un lugar en el entorno donde se edificó la muralla. Unos son la huella de una cultura indígena prerromana conocida como vettona, la cual fue asimilada por el mundo romano en el cambio de era, y otros son la representación dejada por dicho mundo romano. Pero ni la presencia vettona ni la romana han podido ser claramente identificadas en este espacio.

Con yacimientos como el de Las Cogotas, en el término municipal de Cardenosa, o Ulaca, en el de Solosancho, ha quedado bien demostrado que el entorno de

la actual ciudad de Ávila era un espacio que entre los siglos IV y II a.C. tubo una importante ocupación castreña. También se ha podido estudiar como con la llegada del mundo romano a la meseta Norte, estos pueblos indígenas fueron entrando en la órbita latina, siendo obligados a descender de los altos que ocupaban a zonas de valle mejor controladas, del mismo modo que sustituyeron una economía principalmente ganadera por un sistema de cultivos agrícolas. Aquí es donde podemos insertar los escasos restos, descontextualizados, de esta cultura indígena aparecidos en la muralla y alguna excavación arqueológica de urgencia. Pero no podemos hablar de un castro Vettón al faltarnos datos arqueológicos, formación urbana que se intuye como algo posible y que sería el origen de la actual ciudad. Del mismo modo, y aunque esté bastante clara la aculturación indígena por el pueblo romano, estos segundos tampoco han podido reconocerse claramente en la ciudad, aunque, también, se haya apuntado la posibilidad de que el actual perímetro, al menos en parte, de la muralla esté siguiendo el de una cerca, de control más administrativo que militar, dado el carácter que tendría la población. En definitiva, todo son conclusiones sin un apoyo documental preciso, resultados de una larga experiencia investigadora a la que falta apoyar con los métodos que la arqueología dispone y que si el subsuelo de la ciudad de Ávila conserva, podrá ser con toda seguridad muy relevante.

3.2. Estructura constructiva

Las fases medievales de la construcción, reconocidas tras la actuación arqueológica, en su perímetro oriental, probablemente la primera parte del total del recinto que encierra la ciudad, podemos dividirla, grosso modo, en tres fases. Una primera, que correspondería probablemente a la fase inicial de construcción de las murallas, compuesta por lienzos defendidos con torres de planta cuadrangular. La segunda fase aportaría un cambio morfológico en las plantas de las torres que, en algunos casos documentados, recubrirían las torres anteriores, pasando a tener una mayor altura, por encima de los lienzos de la muralla, y una planta semicircular. Y una tercera fase en la que se observa el recrecimiento de los paramentos de ciertas torres, como son las que flanquean las puertas de San Vicente y el Alcazar, acompañado por el recrecimiento de los lienzos de la muralla hasta la altura de las demás torres, elevando el adarve, lo que conlleva el cegamiento de las escaleras de las torres, que comunicaban con el antiguo adarve de la segunda fase.

4. RESULTADOS DE LA ACTUACIÓN ARQUEOLÓGICA

Los resultados obtenidos, pasamos a presentarlos en tres grupos diferenciados, según criterios de localización de los sondeos y de las conclusiones obtenidas.

El seguimiento de la obra de restauración efectuada en el adarve, se ha realizado directamente a pie de obra, aplicando la realización de sondeos arqueológicos en dos puntos concretos: las dos torres situadas al norte del cimorro de la catedral de San Salvador (T9E y T10E), donde de forma similar se ha exhumado las escaleras interiores de la segunda fase constructiva, determinado por el desarrollo de las obras. Del mismo modo se ha podido documentar el pavimento original de

las torres. La limpieza superficial del adarve para su posterior acondicionamiento, ha sacado a la luz dos nuevos epígrafes romanos desconocidos hasta el momento, y por lo tanto sin catalogar, que fueron reutilizados como peldaño superior de la escalera interior de la torre (T10E).

Los sondeos realizados para documentar las cimentaciones han sido efectuados en siete puntos, distribuidos a lo largo del perímetro oriental de la muralla.

En la zona del Alcazar se realizaron dos sondeos, uno al interior de la fortificación (T2E) y otro al exterior (T3E). En ambos se llegó a documentar cinco hiladas bajo el nivel de suelo actual, pero la humedad que presentaba el suelo a esta cota, en el sondeo al exterior (T3E), no permitió llegar hasta los cimientos. Al interior no se presentó esta patología pudiendo comprobar el apoyo directo sobre el geológico. Se pudo sin embargo ver como la muralla sufre a esta altura abombamientos y desplomes, que aún en estudio, no podemos determinar si son resultado de empujes del núcleo murario o de la falta de estabilidad en la base de la estructura causada por la presencia del nivel freático, o por ambos motivos actuando conjuntamente. Como veremos en los sucesivos sondeos, entre el material de construcción empleado en estas primeras hiladas aparecen sillares de cronología romana y piezas de cultura indígena, entre los que se encontraba, por ejemplo, los cuartos traseros de un verraco reutilizado como sillar de construcción, que por su forma y tamaño apuntan a las tipologías que se encuentran en el cambio de era.

En la zona septentrional del ábside de la Catedral se efectuaron dos sondeos, uno en el lado norte del mismo cimorro y otro en la cara este de la torre situada inmediatamente al norte del ábside (Torre 9E). En ambos la afloración de aguas subterráneas fue el condicionante que impidió llegar de nuevo a las cimentaciones, quedando la investigación incompleta por la imposibilidad de poner en relación algunas estructuras aparecidas y los paramentos de la muralla. En el primer caso, se descubrieron dos nuevas hiladas del cimorro, destacando el desarrollo del zócalo de sillares regulares que sirve de base a la estructura del ábside. En el segundo sondeo, la alteración de los niveles por las obras asociadas a la contigua Casa de las Carnicerías impidió establecer una sucesión ordenada. Apareció un muro que corre en dirección N-S, de mampostería irregular, que dadas su dimensiones (1,60 m) y teniendo en cuenta las fuentes documentales, podríamos asociarlo a las desaparecidas barbancas o antemuros que estaban en uso aún a mediados del XIX, visibles en diferentes puntos exteriores del recinto amurallado en su lado oriental. También apareció un fragmento de verraco, que pudo haber sido utilizado como material de construcción en algún momento, como insinúa el hecho de que se trate únicamente de los cuartos traseros, pudiendo apreciarse la huella de la cuña empleada para su fragmentación.

La siguiente zona de actuación se sitúa en el Parque de San Vicente, donde fueron realizados dos sondeos de similares características al elegir la zona de unión entre lienzos y las caras sur de las torres. Ambas excavaciones se han visto favorecidas en su desarrollo al no verse afectadas por alteraciones urbanas. El principal aporte documental de estos trabajos es el de haber podido hacer una lectura total de la construcción, desde sus cimientos, directamente apoyados sobre un sólido nivel geológico. Esta obra presenta en sus hiladas inferiores un aparejo claramente diferenciado de las superiores, donde el material reutilizado de cronología romana se presenta en muy alta proporción, pudiendo destacar una nueva estela

funeraria, y por lo tanto sin catalogar. Es interesante también hacer referencia al valladar que frente a los paramentos de las torres se han podido localizar, espacios que han servido en un principio como fosas de cimentación. Por lo demás comentar, como estos espacios que no están alterados por el crecimiento de la ciudad, también tienen sus inconvenientes al presentar, menos en sus niveles más inferiores, sucesiones de rellenos, algunos con importantes potencias estratigráficas, que no aportan una gran información, pero demoran la realización del trabajo.

Hasta aquí podemos destacar que en el conjunto de todas las labores realizadas, el aporte documental para las obras de restauración arquitectónica, ha sido relevante en la medida que ha permitido tener en cuenta patologías que afectan desde las cimentaciones, como humedades y variaciones estructurales.

4.2. Sondeo arqueológico efectuado en la Puerta de San Vicente

La intervención arqueológica junto al lateral Norte del cubo Meridional de la Puerta de San Vicente (T15E) ha tenido como finalidad documentar la cimentación y primeras hiladas constructivas de este espacio, mal conocido e interpretado tan solo por la lectura de los paramentos visibles desde el nivel de calle por estudios anteriores al citado proyecto.

Este sondeo nos ha permitido documentar diferentes elementos constructivos que junto a las estratigrafías nos permite hacer una primera aproximación a la evolución histórica de la construcción. Para su exposición utilizaremos un orden cronológico de más antiguo a moderno:

Verraco Vettón

Formando parte de la cimentación de la torre, en su segunda fase constructiva, documentamos la escultura zoomorfa de un verraco, que nos aporta una documentación de gran importancia por su relación estatigráfica con los momentos de ocupación posteriores a su labra y para el desarrollo de la investigación del periodo cultural al que se adscribe, como para el de su significado particular.

En lo que respecta a su situación, debemos primero indicar que se encuentra labrado sobre un berrocal y por lo tanto *in situ*. Estratigráficamente parece haber tenido una situación a la vista del viandante romano y, probablemente, en la primera fase medieval. Pero con la ampliación de la Torre de planta semicircular, segunda fase constructiva, su posición quedaría oculta como cimentación, siendo respetado en su integridad formal.

La escultura del Verraco presenta unas dimensiones de 1,70 metros de longitud por 1 metro de alto, situado sobre un pedestal de 0,50 metros de altura. Su orientación con la cabeza al Este lo sitúa mirando al exterior de la ciudad. Su estado de conservación es excepcional y presenta en su acabado detalles de una importante calidad artística: pezuñas, cuartos traseros, lomos, mandíbulas... Del mismo modo, podemos destacar sus proporciones volumétricas como resultado de un importante conocimiento técnico por parte del cantero o tallista que labró la obra.

Obra Romana

En el alzado Oeste, localizado bajo el lateral izquierdo del vano de la puerta, hemos documentado lo que creemos puede ser una hilada de cimentación y cuatro

de alzado, de grandes sillares utilizando el sistema romano constructivo de Opus Quadratum. Este paramento es el precedente del actual vano de la puerta, pero con una longitud inferior al de su proyección superior (0,90 metros frente a 1,20 metros).

La obra romana tiene asociada, desde su cimentación hasta la mitad de la hilada superior, toda una sucesión de niveles estratigráficos de clara filiación romana, que a su vez han podido ser interpretados, en su mayor parte, como una sucesión de preparación de suelos de uso.

1.ª fase medieval: Torre Cuadrangular

En el lateral occidental del alzado sur se ha documentado la cimentación y primer nivel de uso de una torre de planta cuadrangular, adosada sobre el anterior lienzo descrito romano. El lienzo presenta un aparejo de mampostería irregular que en su esquina noreste cambia por sillería regularmente dispuesta. La construcción de esta torre rompe los niveles estratigráficos romanos, donde inserta su cimentación.

Teniendo en cuenta el aparejo, en el que aparecen varias marcas de cantero, la disposición adosada al anterior lienzo romano y los materiales arqueológicos hallados en los diferentes niveles estratigráficos, aún en estudio, y su relación temporal con la ampliación de la segunda fase medieval, tenemos que tomar una máxima precaución para encuadrar cronológicamente su momento constructivo.

2.ª fase medieval: Ampliación Torre Semicircular

En el lateral oriental del alzado sur hemos podido apreciar la ampliación que se realiza de la torre de planta cuadrangular anteriormente descrita. Ampliación que rodea los paramentos este y sur de la primera torre, dejándolos ocultos. De esta construcción hemos podido documentar su cimentación, con un aparejo similar al de su proyección superior, de grandes sillarejos calzados con ripios.

Se ha podido, a su vez, documentar la fosa de cimentación que rompería los anteriores niveles romanos y castellanos, al igual que los niveles de uso que amortizarían los anteriormente mencionados.

4.3. APROXIMACIÓN A UNA PROPUESTA DE EVOLUCIÓN URBANA

La interpretación que podemos realizar por el momento, a la espera del estudio definitivo de los datos obtenidos, para lo que sería de vital importancia poder ampliar la extensión de la excavación en este área, nos permite plantear la siguiente hipótesis de trabajo sobre el proceso histórico-cultural que en esta zona de la ciudad de Ávila se llevó a cabo a lo largo de la historia.

Entre los siglos I a.C. y I d.C., los viejos núcleos ganaderos del valle del Ambles sufren una despoblación y se trasladan a la vega, quizás donde se encuentra la actual Ávila. ¿La Obila citada por Ptolomeo, oppidum de nueva planta gestado a finales de época republicana?. Junto a esto hay que destacar la aparición asociada a esta cultura indígena de una serie de esculturas zoomorfas conocidas genéricamente como verracos, pero habitualmente descontextualizados, aunque con toda seguridad bien encuadrados cronológicamente. Su ubicación parece tener una relación

clara con hitos de señalización para pastos ganaderos y en algunos casos, como en Las Cogotas, en conexión a los caminos que conducen a los recintos que rodean estas poblaciones.

En este espacio de tiempo y en el lugar que ocupa hoy en día la Puerta de San Vicente se labró un verraco, flanqueando el acceso oriental del poblado indígena-romano, al que aparecen asociadas cerámicas pintadas romanas de tradición indígena halladas en los niveles más profundos del corte excavado, datadas en la primera mitad del siglo I. d.C. Este hallazgo, que tipológicamente, siguiendo los estudios de Álvarez Sanchís, se encuadra claramente en la estratigrafía y la cronología que aporta la cultura material asociada a él, posiblemente sirva para aportar nueva luz, sobre la génesis con base poblacional indígena de la actual ciudad de Ávila. Podemos estar viendo el acceso, defendido por una escultura zoomorfa, a un espacio urbanizado protegido o delimitado por una cerca. En época Alto Imperial, tal vez coincidiendo con la política de numerosas construcciones de carácter estatal, destinadas a ennoblecer el trazado urbano de las ciudades, desarrollada por la dinastía Flavia, entre los años 69-96 d.C. se levantaría la muralla que petrificaría la posible anterior empalizada o foso del poblado existente, y de la que se han documentado cinco hiladas; una correspondiente a la cimentación y cuatro al paramento exterior. Según esta propuesta lo que se ha recuperado correspondería a la jamba meridional de la puerta romana sin llegar a saber en la actualidad la luz de dicha puerta ni su altura, por ser un sondeo tan reducido. Acompañando a la evolución histórica de este área se han documentado también la sucesión de diferentes suelos de uso, amortizaciones de anteriores, que podemos datar a partir del hallazgo de numerosos fragmentos cerámicos de diversos tipos: desde las más antiguas como la *terra sigillata hispánica* y *pintada de tradición indígena* (siglo I d.C.) hasta las producciones más recientes como la *terra sigillata hispánica de imitación paleocristiana* y la *terra sigillata clara E* (siglos IV y V d.C.). Junto a esto es de gran importancia poder observar como la escultura del verraco se mantiene con el paso del tiempo en su lugar de origen y convive con la población que por generaciones se va sucediendo, seguramente llegando a entenderse como algo intrínseco a este lugar de paso.

Tras un lapsus de tiempo, donde podemos incluir la presencia andalusí en la obra junto al a muralla romana en su lado meridional, se le adosó una torre de planta cuadrangular levantada con sillar y sillarejo. Esta dinámica constructiva también se advierte en otras torres, como la septentrional que flanquea el acceso de San Vicente, que sería interesantísimo poder documentar arqueológicamente en conjunto con la ya mencionada para poder hacer una lectura global de este espacio. Tan solo indicar que dejamos descartada la posibilidad apuntada por algunos investigadores acerca de la adscripción romana para estas defensas.

Tiempo después, a la torre cuadrangular, en sus lados oriental y meridional, se le adosó otra torre, esta de planta semicircular, levantada con grandes piezas de mampostería calzada con lajas y trabadas con mortero de argamasa. Esta ampliación no sería la definitiva, ya que se proyectaría en altura, proceso que no se ve reflejado en la estratigrafía del sondeo arqueológico.

La cronología que creemos más aproximada para estas construcciones, tiene en cuenta algunos hallazgos numismáticos, morfologías constructivas y las marcas de cantero. Asociada a la fase de ampliación hacia la torre de planta semicircular, encontramos acuñaciones del período de gobierno del monarca Alfonso I de Aragón, dineros de vellón que se vienen fechando en las cuatro primeras décadas

del siglo XII. Pero hay que tener en cuenta el aparejo, tan característico, se viene asociando para la zona central del río Tajo y parte de la submeseta norte con las políticas de construcción de fortalezas que realizó Alfonso VIII y Fernando III en puntos como Toledo, Plasencia y Talavera de la Reina.

Teniendo en cuenta esta relación y la serie de marcas de cantero que se han podido reconocer, en la parte baja de la torre realizada en la primera fase medieval, semejantes a otras documentadas en las partes "más antiguas" de la catedral, nos conduce a principios del siglo XII para su construcción.

Para concluir, comentar que en las fechas relacionadas con la construcción de la torre de planta cuadrangular el verraco quedaría todavía visible, al menos en gran parte de su alzado, lo que sorprende por la larga pervivencia que llegó a tener esta escultura, a la que no dañó el paso de la historia, hasta que se realizara la ampliación de la torre de planta semicircular, que emplearía la escultura citada como cimentación y la dejaría oculta hasta nuestros días en el subsuelo de la ciudad de Ávila.

BIBLIOGRAFÍA

- ÁLVAREZ SANCHIS, J. R. (1999), *Los Vettones*. Real Academia de la Historia. Madrid.
- BARRACA DE RAMOS, P. (1993), "La ciudad de Ávila entre los siglos V al X", en *IV Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. 2. Alicante.
- BORDEJE GARCÉS, F. (1935), *Las Murallas de Ávila*. Madrid.
- CÁTEDRA, M.; TAPIA, S. (1997), "Imágenes mitológicas e históricas del tiempo y del espacio: las murallas de Ávila" en *Revista Política y Sociedad*. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Nº25.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO CERDÁN, A. (1991), "Fortificaciones urbanas de época Bajoimperial en Hispania. Una aproximación crítica. (primera parte)" en *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, n.º 18. Universidad Autónoma de Madrid.
- GÓMEZ MORENO, M. (1984), *Catálogo Monumental de Ávila*. Ávila.
- GUTIÉRREZ ROBLEDO, J.L. (1990), "Reparaciones, fortificaciones y primeras restauraciones de la muralla de Ávila en el siglo XIX" en *Medievalismo y Neomedievalismo en la Arquitectura Española: Aspectos Generales*. Actas del 1.º Congreso en Pedro Navasmes Palacio, José Luis Gutierrez Roblado (eds.): Ávila.
- LARRÉN, H.; TERÉS, E. (1987), "Excavaciones de urgencia y documentación de hallazgos arqueológicos en la ciudad de Ávila. 1986", *Cuadernos Abulenses*, 7. Ávila.
- LÓPEZ FERNÁNDEZ, M.ª (1998), "Aportaciones para el estudio de la muralla: pleito en la Calle de la Albardería" en MARINÉ, M. y TERÉS, E. (coords.): *Homenaje a Sonsoles Paradinas*. Asociación de Amigos del Museo de Ávila. Ávila.
- LOPEZ MONTEAGUDO, G. (1989), *Esculturas zoomorfas celtas de la Península Ibérica*. CSIC, Centro estudios históricos. Madrid.
- MARINÉ, M. (coord.) (1995), *Historia de Ávila I. Prehistoria e Historia Antigua*.

- Institución Gran Duque de Alba. Ávila.
- MARINÉER BIGORRA, S. (1989), "Nuevos epígrafes romanos en la muralla de Ávila", *Cuadernos Abulenses*, 11. Ávila.
- MARTÍN MONTES, M.; MOREDA BLANCO, J.; FERNÁNDEZ NANCLARES, A. (1994), "La Cerámica de época medieval procedente del casco urbano de Valladolid: estado de la cuestión", *Boletín de Arqueología Medieval*, 8. Madrid.
- MURO GARCÍA, B. (1990), "Tres restauraciones de Enrique María Repullés y Vargas en la muralla de Ávila" en *Medievalismo y Neomedievalismo en la Arquitectura Española: Aspectos Generales*. Actas del 1.º Congreso. en Pedro Navasmes Palacio, José Luis Gutierrez Robledo (eds.): Ávila.
- RODRIGUEZ ALMEIDA, E. (1990), *Ávila Romana*, en *Medievalismo y Neomedievalismo en la Arquitectura Española: Aspectos Generales*. Actas del 1.º Congreso, en Pedro Navasmes Palacio, José Luis Gutierrez Robledo (eds.): Ávila.
- VILLAR CASTRO, J. (1984), "Organización Espacial y Paisaje Arquitectónico en la Ciudad Medieval. Una aportación geográfica a la historia del urbanismo abulense", *Cuadernos Abulenses*, 1. Ávila.

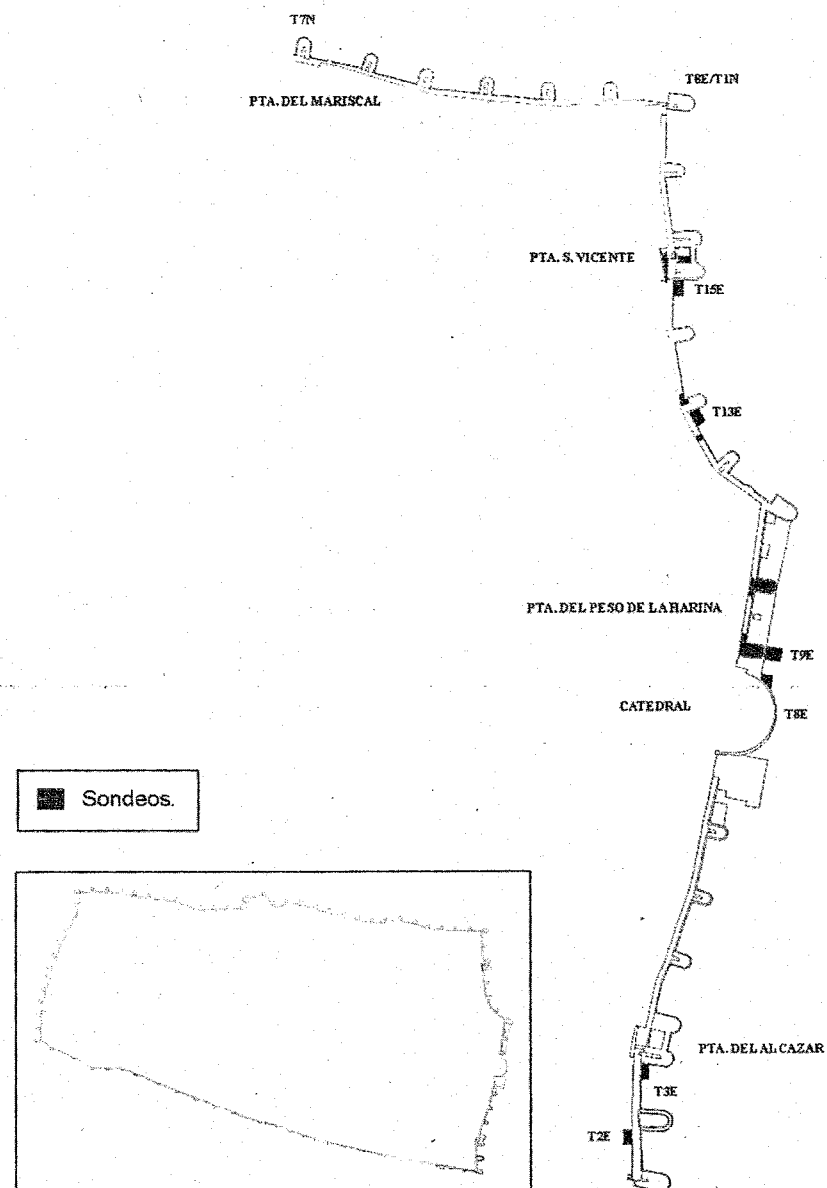


Fig. 1 — Proyecto de restauración integral de la Muralla de Ávila y su entorno.
Situación de las diferentes intervenciones efectuadas.

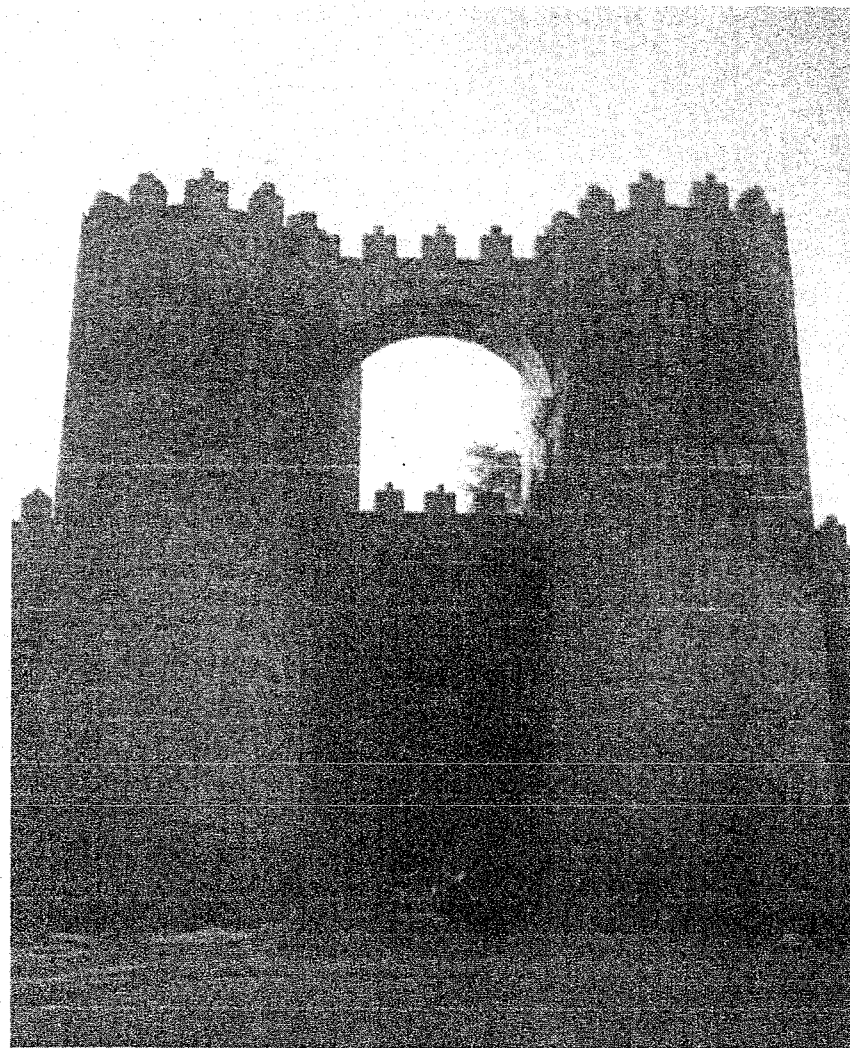
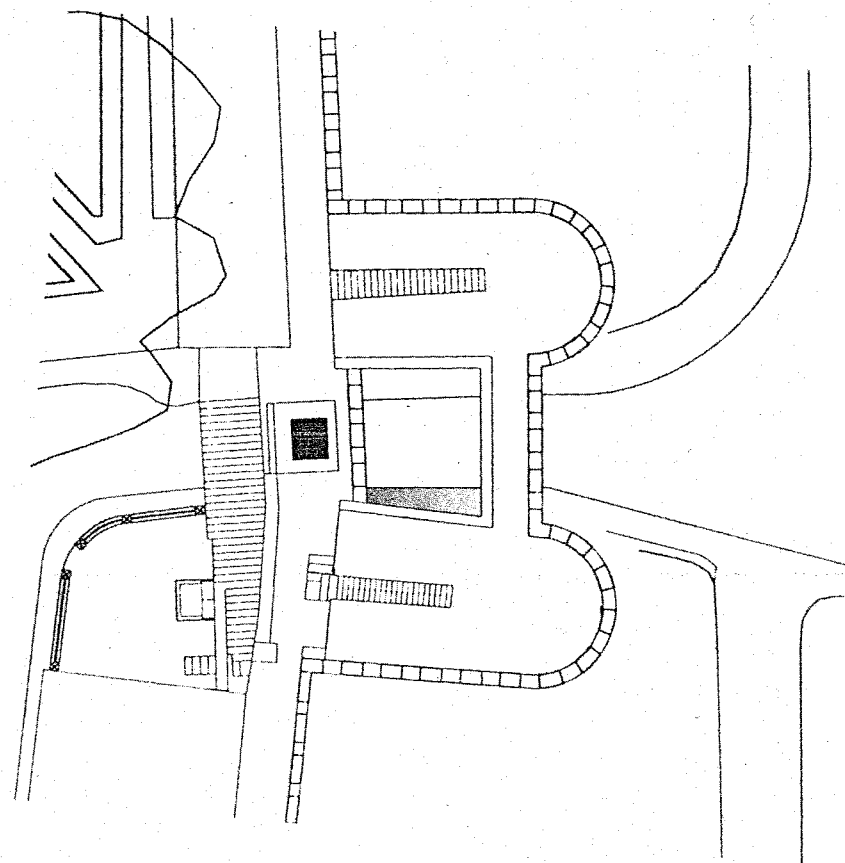


Fig. 2 — Vista general de la Puerta de San Vicente.



*Fig. 3 — Proyecto de restauración integral de la Muralla de Ávila y su entorno.
Planimetría general de la Puerta de San Vicente.*



Fig. 4 — Proyecto de restauración integral de la Muralla de Ávila y su entorno. Sondeo arqueológico efectuado en la Puerta de San Vicente. Vista panorámica con la escultura del verraco en primer plano.

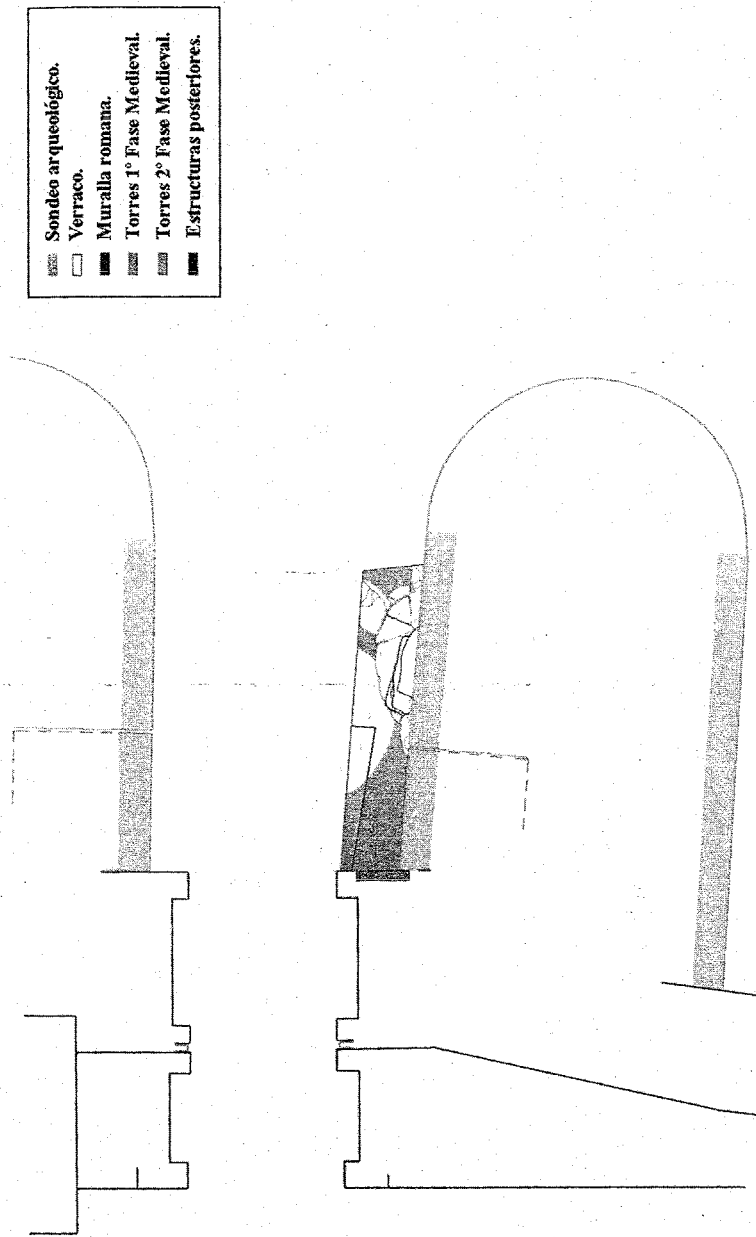


Fig. 5 — Proyecto de restauración integral de la Muralla de Ávila y su entorno. Planimetría general y sondeo arqueológico efectuado en la Puerta de San Vicente Análisis de la evolución constructiva.

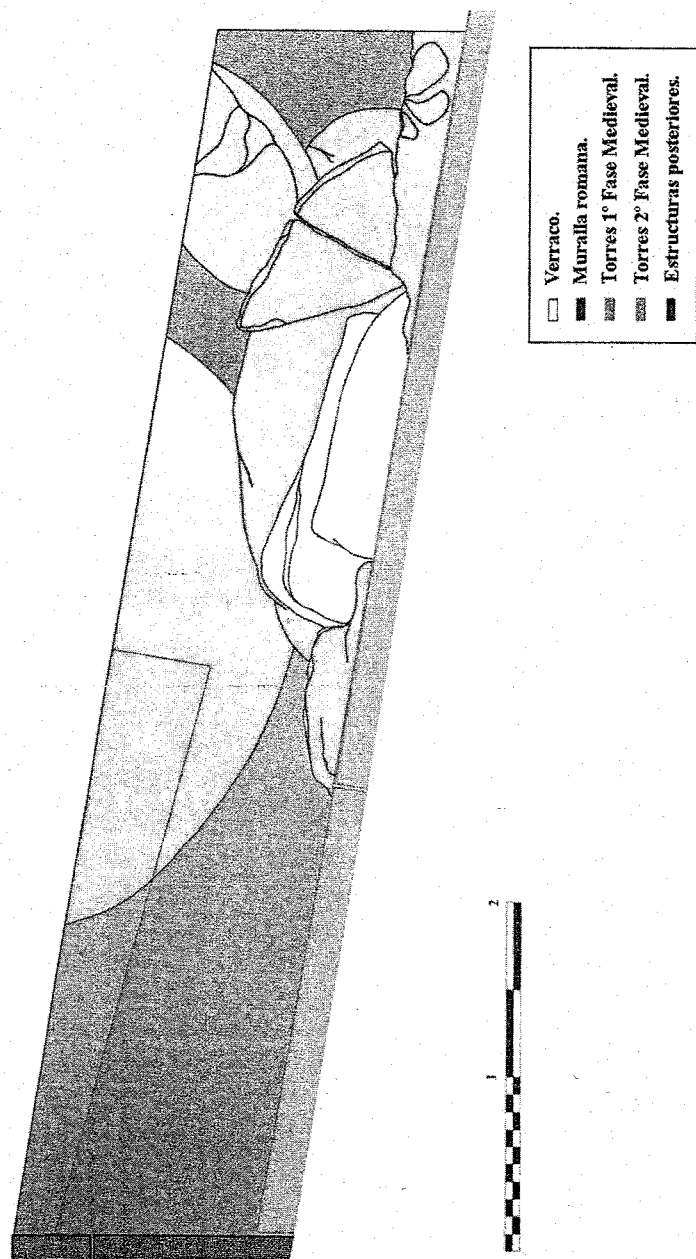


Fig. 6 — Proyecto de restauración integral de la Muralla de Ávila y su entorno. Sondeo arqueológico efectuado en la Puerta de San Vicente. Planta final y análisis de la evolución constructiva.

CONCLUSÕES

Não tendo sido possível cumprir integralmente os objectivos da sessão de Arqueologia Urbana, tal como havia sido planificada pelos organizadores, por impossibilidade de realizar a mesa redonda, a qual se destinava a discutir, os diferentes modelos de gestão da Arqueologia Urbana peninsular e a avaliar o contributo desta para a história das cidades, mas, também, por ausência de alguns dos intervenientes previstos, responsáveis por ponências, designadamente de Tarragona e Mérida, os trabalhos da sessão não deixaram, contudo, de se revelar de grande interesse.

Cabe em primeiro lugar destacar a lucidez das apresentações realizadas como balanço da Arqueologia Urbana em Portugal (Doutor Francisco Sande Lemos) e em Espanha (Doutoras Carmen Fernández Ochoa e Maria Angeles Querol).

Retratadas as circunstâncias em que emerge a Arqueologia Urbana em Portugal e avaliada a evolução sofrida pelas intervenções arqueológicas nas cidades, pode verificar-se que este sector da Arqueologia portuguesa continua a enfrentar um alargado quadro de problemas, que se prendem com a negligência legislativa, relativamente aos solos urbanos, com o verdadeiro labirinto de instituições a que está cometida a responsabilidade dos salvamentos urbanos, sendo de realçar, todavia, o excessivo poder, neste contexto, dos gabinetes de arqueologia municipais, muitas vezes mal dotados em termos de equipas de intervenção. Simultaneamente, cabe destacar a reduzida divulgação dos resultados alcançados em duas décadas de intervenções urbanas em Portugal, ainda que algumas experiências pontualizadas tenham permitido criar novos discursos sobre o urbanismo romano, medieval e pós-medieval. De um modo geral, a Arqueologia Urbana em Portugal parece manter uma grande dificuldade em se afirmar de forma qualitativa, o que passaria por estar organizada em termos de projectos de investigação coerentes, com capacidade de divulgação rápida de resultados, oferecendo-se, pelo contrário, como uma prática heterogénea em que a significativa quantidade das intervenções é sobretudo vista como um problema de salvamento e gestão, não conseguindo atingir os objectivos que deviam nortear a Arqueologia Urbana: o estudo da evolução das cidades.

Mais programática, a intervenção sobre a Arqueologia Urbana em Espanha valorizou o que deve ser esta prática, tendo em vista que o seu objectivo é a Cidade. Defende-se a Arqueologia Urbana como projecto de investigação, com um sistema unificado de registo, com uma direcção científica única e com uma forte independência em relação aos poderes políticos. Defende-se, simultaneamente, que a Arqueologia e a Arquitectura devem manter laços privilegiados, pois de outro modo não será possível o conhecimento do urbanismo. Defende-se, também, o desenvolvimento de uma maior articulação entre a Arqueologia e o público, através da difusão dos resultados, mas, sobretudo, através de uma educação orientada para o património e para a cidadania. No que se refere à conservação dos vestígios sugere-se maior autoridade dos arqueólogos nas decisões relativas à conservação dos vestígios. Rastreados os diferentes casos de arqueologia urbana em Espanha, agrupados em situações em que as escavações urbanas são realizadas como projecto de investigação, em situações em que após uma fase de desenvolvimento os projectos foram suspensos, ou perderam coesão, em situações em que as interven-